



DANIELLY KARINA MARIANO

**A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E A
CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA CRIANÇA**

**LONDRINA - PR
2010**

DANIELLY KARINA MARIANO

**A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E A
CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Profa Dra Cleide Vitor Mussini
Batista

LONDRINA
2010

DANIELLY KARINA MARIANO

**A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E A
CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa Dra Orientadora Cleide Vitor Mussini
Batista
Universidade Estadual de Londrina

Profa Ms. Cristina Nogueira Mendonça
Universidade Estadual de Londrina

Profa Ms. Raquel Fanco
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, minha família meu namorado Alex, meus amigos e à minha Orientadora Profa. Dra. Cleide Vitor Mussini Batista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que sempre me protegeu.

Aos meus pais Acir e Maria por me incentivar constantemente em minha carreira acadêmica.

As minhas irmãs Cristiane e Rosangela que me deram total apoio nesses quatro anos de estudo.

Ao meu namorado Alex pela paciência, companheirismo durante este processo de trabalho.

Aos participantes deste estudo por contribuírem e se disponibilizarem para a realização desta pesquisa.

Em especial à Professora Dra. Cleide Vitor Mussini Batista, pela orientação, dedicação, incentivo constante para a realização deste trabalho.

MARIANO, Danielly Karina. **A relação mãe-bebê e a constituição subjetiva da criança**. 2010. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Neste trabalho abordamos a função materna ressaltando a sua dimensão de poderio, a partir do referencial teórico-clínico da psicanálise, a fim de discutir seus efeitos sobre o sujeito em constituição. Tratamos da relação mãe-bebê e a constituição do sujeito a partir das formulações Winnicott, bem como outras contribuições significativas de outros autores psicanalistas nesta temática também foram utilizadas. A pesquisa tem como objetivos: Analisar se a relação mãe-bebê interfere na evolução do desenvolvimento psíquico infantil; Analisar a relação mãe-bebê, a partir das formulações de Winnicott, relacionados ao desenvolvimento psíquico das crianças: Inferior a 1 mês até 2 meses. A amostra foi composta por um bebê na faixa etária de 0 a 2 meses completo e sua mãe no período de gestação, do nascimento do bebê e de suas relações iniciais com seu bebê. Enfatizamos que a relação mãe-bebê é fundamental para manter a qualidade de vida do bebê e o seu desenvolvimento psíquico, pois esta relação é o alicerce do bebê, e tudo o que ocorre nesta relação afeta a vida dele, influenciando no desenvolvimento da sua personalidade. Assim, a mãe “suficientemente boa” estará influenciando o processo de desenvolvimento adequado para o bebê, pois estará ofertando-lhe um ambiente facilitador, o bebê então, encontra na mãe a base para se adaptar no mundo exterior, levando ao seu futuro boas experiências e recordações.

Palavras-chave: Mãe. Bebê. Relação. Constituição subjetiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Período gestacional - 7 meses.....	26
Figura 2 – Período de gestação – 9 meses	26
Figura 3 – Primeiros momentos de vida	27
Figura 4 – Primeiro contato após o nascimento.....	29
Figura 5 – A mãe-bebê: momento da amamentação.....	31
Figura 6 – Diálogo entre mãe bebê.....	33
Figura 7 – A mãe-bebê: durante o banho	38
Figura 8 – A mãe bebê: trocas	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 DA GESTAÇÃO AO NASCIMENTO DO BEBÊ	5
2.1 O PERÍODO GESTACIONAL	5
2.2 Os Primeiros Anos de Vida.....	6
3 A MÃE E O BEBÊ	13
3.1 O Bebê	13
3.1.1 Holding	14
3.1.2 Handling	14
3.1.3 A Apresentação dos Objetos	15
3.3 A Relação mãe-bebê	16
4 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO MÃE/BEBÊ PARA AS CONSTRUÇÕES PSÍQUICAS: UM ESTUDO DE CASO	22
4.1 A Relação mãe-bebê e a Constituição Subjetiva	22
4.2 Da Gestaçãõ	25
4.3 Do Nascimento	27
4.4 Das primeiras relações mãe/bebê	28
4.5 O Bebê no Colo – Como a Mãe Arma o Colo	29
4.6 Amamentação	30
4.7 A Fala da Mãe com o Bebê	32
4.8 O Banho	37
4.9 Troca do Bebê	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A possibilidade de dar a vida a um ser e ao mesmo tempo inscrevê-lo na ordem da mortalidade confere à maternidade, desde o princípio, uma estreita relação com o poder e com a culpa. A mãe todo-poderosa é capaz de gerar um corpo dentro de seu próprio corpo e, mais do que isso, é responsável por possibilitar-lhe uma vida psíquica, subjetiva, que, por sua vez, é tecida por meio do que Freud conceitua como desejo. É o desejo do Outro – agente da função de maternagem – que irá inscrever o bebê, em sua “indizível e estúpida existência” (Lacan, 1957/1999, p. 555), na linguagem, tecendo para o mesmo um lugar simbólico, um marcador de lugar, que atestará a possibilidade do pequeno infans, aquele que ainda não tem acesso à fala, vir-a-ser um sujeito desejante.

Ao fundar o inconsciente e, com isso, a noção de sujeito psíquico, Freud (1915b/1996) nos mostra que o fenômeno biológico não garante a inserção da criança no campo do simbólico, nem a sua sobrevivência subjetiva, subvertendo com isso a noção do que se constitui como verdadeiramente fundamental para a sobrevivência de um recém-nascido. O cuidado com o corpo no nível das necessidades vitais é fundamental, porém isso não pode passar pelo silêncio dos hábitos regularizados, ainda que suas marcas não deixem de ter influência. É preciso haver a linguagem em que a demanda se articula para que esse corpo seja “corporalizado de maneira significativa” (SOLER, 2005, p. 92).

Nesse sentido, é imprescindível que os filhos, biológicos ou não, sejam adotados subjetivamente e desejosamente por seus pais. De um modo contrário, a negação da representação de um filho (biológico ou não) – que pode se manifestar através de situações de abandono, desamparo, privações afetivas, enfim atos de violência simbólica – pode acarretar sérios danos subjetivos para a existência da criança. Tamanha, portanto, é a responsabilidade do agente da maternagem.

Partindo da função da maternagem sobre o sujeito em constituição, a partir das formulações de Winnicott, bem como da contribuição de outros

psicanalistas nesta temática, nos propomos, com este trabalho, articular a maternidade na intenção de pensar acerca dos efeitos de tal relação sobre a subjetividade. Qual a importância da relação mãe-bebê na constituição subjetiva do bebê? Esta indagação constitui o ponto de partida de nossas investigações e discussões.

A instalação da subjetividade só pode ser verificada a partir dos efeitos indiretos que essa instalação determina. Assim, a leitura dessa instalação na criança apóia-se em sinais fenomênicos que, articulados em uma lógica linguístico-simbólica, permitem supor a presença de uma subjetividade. Esses sinais são os indicadores, a partir dos quais propomos investigar como está ocorrendo a constituição psíquica de modo articulado ao desenvolvimento da criança.

Segundo o conhecimento teórico-clínico já construído pela psicanálise sobre as diferentes operações psíquicas que se estabelecem na primeira infância, a partir do que entra em jogo no laço entre mãe e filho, destacaram-se observações significativas dos diferentes tempos tanto do circuito pulsional quanto da inscrição simbólica, para determinar o que seria esperado em cada período da constituição da subjetividade.

A presente pesquisa parte da concepção psicanalítica do desenvolvimento psíquico da criança de 0 a 36 meses. E, partindo da premissa que a constituição da subjetividade do sujeito, se dá a partir da relação “saudável”, que se estabelece entre a mãe e o bebê, nos servimos, das concepções apresentadas por Winnicott, referindo-se ao desenvolvimento emocional-afetivo da criança, tendo como referencial o investimento libidinal no relacionamento dual (mãe-bebê).

De acordo, com Winnicott o bebê em seu primeiro ano de vida, apresenta uma relação visceral com a mãe, sendo esta, considerada por ele, como uma extensão do seu próprio corpo, visto que não houve ainda a divisão do “não-eu” e do “eu” do bebê. Assim, ele tem esta mãe o ambiente ao seu redor, como um prolongamento de seu corpo. Tanto esta mãe, quanto este ambiente, devem ser suficientemente bons, para que haja, de fato, neste bebê, uma formação saudável de sua psique. Esta relação materna satisfatória, permite ao bebê entrar no misterioso espaço transitório, que é uma área intermediária de experiências, que não está nem em seu mundo exterior, nem

interno à ele, mas sim, em sua capacidade de prolongar a ilusão da presença materna, quando esta se faz ausente, usando-se assim, desta área de ilusão com a finalidade de transferir sua catexia e prolongar um agradável momento anterior.

Entretanto, ressaltamos que, se esta mãe não for suficientemente boa, não suprimindo satisfatoriamente as necessidades do bebê e caso estas “falhas” não forem corrigidas, estabelece-se na relação mãe-bebê, uma espécie de carência, acarretando para ele uma grande ansiedade e, conseqüentemente, há um comprometimento na constituição de sua subjetividade, devido a esta deficiente relação materna. A abordagem psicanalítica faz referência à construção da subjetividade, sendo isto possível na própria dinâmica familiar que permitirá ou não esse processo.

Assim, buscamos por meio da observação e do acompanhamento de uma mãe gestante entender e salientar neste estudo a importância desta relação mãe-bebê na constituição subjetiva da criança.

O pressuposto que norteia esta pesquisa é o de que as bases da saúde mental se estabelecem nos primeiros anos de vida e são dependentes das relações corporais, afetivas e simbólicas que se estabelecem entre o bebê e sua mãe (ou substituto). Essas relações promovem a inserção do ser humano na cultura e constroem uma subjetividade, eixo organizador do desenvolvimento em todas as suas vertentes. Falhas nesse processo de constituição da subjetividade ocasionam transtornos psíquicos do desenvolvimento infantil.

Justificamos, então, a realização desse estudo que procura analisar por meio de observação o modo como a relação mãe-bebê vão se constituindo neste primeiro mês.

PROBLEMA

A relação mãe-bebê interfere no desenvolvimento psíquico infantil? O desenvolvimento psíquico infantil é analisado no presente trabalho, a partir das formulações de Winnicott, bem como da contribuição de outros psicanalistas nesta temática.

OBJETIVOS

- Analisar se a relação mãe-bebê interfere na evolução do desenvolvimento psíquico infantil.
- Analisar a relação mãe-bebê, a partir das formulações de Winnicott, relacionados ao desenvolvimento psíquico das crianças: Inferior a 1 mês até 2 meses.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo trata-se de um estudo de caso. A amostra foi composta por um bebê na faixa etária de 0 a 2 meses completo e sua mãe no período de gestação, do nascimento do bebê e de suas relações iniciais com seu bebê.

O desenvolvimento psíquico infantil é analisado no presente trabalho, a partir do princípio de que a subjetividade é um aspecto central e organizador do desenvolvimento em todas as suas vertentes.

Buscamos observar a relação mãe-bebê, a partir das formulações de Winnicott, bem como da contribuição de outros psicanalistas nesta temática, a partir das formulações de Winnicott, bem como da contribuição de outros psicanalistas nesta temática.

O bebê foi observado em sua casa e, para esta observação, realizamos e, dois meses.

2 DA GESTAÇÃO AO NASCIMENTO DO BEBÊ

2.1 O Período gestacional

Durante a gravidez a mãe exprime o desejo de ser mãe. É o período em que seu corpo e sua história de vida passará a ser transformado, a mulher deve se preparar emocionalmente para a maternidade, pois experimentará várias sensações. Deverá cuidar do corpo onde o bebê habitará durante os nove meses de gestação, então, a mãe deverá consumir a quantidade necessária de alimentação para que a criança não seja prejudicada, cuidando desde já da saúde do seu bebê.

Desde a gestação o feto já pode sentir as emoções transmitidas pela mãe, pelo desejo de maternidade, sejam eles sentimentos de alegria, tristezas e angústias, esses sentimentos influenciarão o desenvolvimento emocional no caráter da criança, pois estará sentindo o afeto ou a falta de afeto que a mãe tem por ela. Desde a sétima semana de gestação o bebê começa a mexer-se, quando ainda é embrião. Neste período a mãe ainda não pode sentir os seus gestos.

O desejo dos pais pela criança representa o futuro que o filho terá dentro de sua família, que também pode ser influenciado pela classe social dos pais, pois a realidade de uma criança nascida em classe alta será oposta de um bebê que nasce em uma classe social baixa, ou também pela cultura em que estão impostos, devendo os pais aceitar o bebê pelo que eles são.

É por este motivo que se pode planejar a gravidez, tanto a mãe quanto o pai devem estar cientes do que desejam naquele novo momento de suas

vidas, a mãe deve se cuidar física e psiquicamente para evitar que ocorra problemas na gestação do feto, de fato, através deste momento estarão aptos a aceitar o novo membro da família, sendo esta a primeira socialização que a criança tem para adquirir a sua individualidade.

É na gestação que as primeiras sensações de movimento do bebê podem ser sentidas, ainda dentro do ventre materno, e, é a partir desses movimentos em que realiza dentro das cavidades uterinas que a criança percebe o seu próprio corpo. O bebê começa a mexer-se desde a sétima semana de gestação, a partir da décima quarta semana a mãe passa a sentir os movimentos do bebê. Nem sempre a mãe consegue identificar os movimentos do bebê dentro de seu ventre.

Durante o parto que é o momento em que tudo vai se transformar na vida da mãe e do bebê, o bebê vai passar para o mundo externo tendo contato com o mundo em que rodeia a mãe e, para a mãe será o momento em que poderá ver o rostinho do seu bebê. É a partir deste momento tão esperado que o primeiro vínculo será formado.

2.2 Os primeiros anos de vida

A primeira forma de comunicação da criança logo após o seu nascimento é o choro, por meio do choro ele está representando suas insatisfações como fome, dor, cansaço, frio, calor.

Nos três primeiros meses de vida a comunicação é feita por meio do sorriso, que ocorre por volta do segundo mês de idade, o bebê ele fica acompanhando os movimentos do rosto da mãe durante a amamentação, o bebê depende da mãe para se satisfazer.

Do terceiro ao sexto mês, o bebê passa a responder os estímulos externos, a criança começa a estabelecer seu vínculo com o mundo exterior e seus objetos, durante os olhares entre mãe e bebê que se estabelece o primeiro vínculo de amor.

A partir do sexto mês até o décimo segundo mês, começa a fase do desmame do bebê, pois nessa fase ocorre também o nascimento do primeiro

dente do bebê, a partir daí o bebê passa a experimentar outras alimentações e passa a se reconhecer como diferente da mãe.

Quando nasce, a criança continua explorando os seus movimentos musculares, que ocorre no momento em que coloca as mãos na boca, em que toca os pés, ela percebe por si mesma que os membros de seu corpo podem ser usados para realizar determinadas atividades como o engatinhar que ocorre por volta dos sete ou nove meses.

Os momentos em que a mãe acaricia a barriga, durante o período gestacional ou até mesmo os momentos em que fala com o feto em sua barriga, demonstrando a alegria em estar grávida, a criança pode perceber o carinho e o amor que a mãe sente por ele por meio destes gestos, o que influenciará em seu desenvolvimento, pois a criança desenvolverá com mais facilidade os seus primeiros gestos, seus primeiros sons, é por meio desse contato com a mãe que ocorre uma contribuição para que a criança possa desenvolver também a fala e a motricidade.

A criança se comunica sensorialmente com a mãe mesmo estando dentro da barriga, ou seja, por meio das vibrações uterinas e da via umbilical, quando o bebê nasce ele continua a se comunicar com a mãe por meio dos movimentos sensorio motores o que acaba por estruturar uma comunicação verbal. Uma forma de comunicação sensorial é o sorriso da criança pela mãe mostrando-se satisfeito pelo afeto que está recebendo, essa comunicação ocorre pela afetividade.

A criança chega à linguagem por imitação, respondendo as relações de afeto de sua mãe, a mãe deve estar ciente de que se deve estimular a linguagem do bebê, estimulando-o a aprender a falar, nesta fase deve-se evitar os gestos dando-se ênfase à linguagem verbal. A mãe deve influenciar a linguagem, proporcionando que a criança diga o nome dos objetos, não dando-lhe o que a criança aponta com desejo de pegar ou consumir, isso deve ser feito também com os alimentos, estimulando que a criança pronuncie o nome do alimento que deseja, quando a criança aponta algo que deseja a mãe deve pronunciar o nome e através da imitação a criança irá pronunciá-lo também mostrando o desejo por aquilo que tem interesse em comer ou pegar.

O esforço da mãe durante este período para que a criança aprenda a linguagem se torna positivo para que o psíquico da criança possa se evoluir.

Quando ocorre a falta do vínculo entre mãe-bebê podem ocorrer transtornos em seu desenvolvimento motor e na sua comunicação, pois durante a gravidez a mãe pode passar por crises que afetam o desenvolvimento da criança, ou até mesmo por motivos de vícios durante o período gestacional, faz com que a criança possa nascer com deficiência, dificuldade na fala, motricidade.

“A mãe é a figura central do desenvolvimento psicológico infantil. O pai só tardiamente é percebido ” (RAPPAPORT, 1981, p.10). Para o vínculo ser formado a mãe necessita desde a gravidez ter paciência, tempo, carinho, afeto, desejo em estar grávida, demonstrando alegria pela chegada do seu bebê. Quando acompanhada pelo seu parceiro a mãe tem mais facilidades de aceitar e lidar com o bebê, pois pode contar com a presença masculina durante o período gestacional e após o nascimento da criança, dando-lhe apoio emocional, físico e moral durante este tempo em que se torna mais fragilizada.

Para Winnicott (1988) um bebê não pode existir sozinho, mas faz parte de uma relação. Essa relação é construída pela mãe, pois o primeiro contato do bebê é com ela durante a gestação. A mãe é a principal relação que a criança tem, pois desde quando está no ventre materno a mãe se relaciona com ele, por meio de gestos que demonstram alegria e contentamento, por isso a importância da mãe manter tranquilidade, não passar por dificuldades, conflitos, estresse durante o período gestacional. Por meio desta relação, a mãe transmite a partir da lembrança para a criança a experiência da forma como foi cuidada enquanto ela ainda era bebê, esta lembrança pode ajudar ou até mesmo atrapalhar a forma em que ela se relaciona com ele, pelas formas como foi a sua relação entre mãe e bebê, que podem ter sido boas ou más.

O bebê só existe e é capaz de se desenvolver a partir do momento em que a mãe o auxilia e o atenda, se a mãe não atender o bebê, este não consegue sobreviver, pois é incapaz de realizar por si próprio as suas necessidades físicas. A mãe, então, serve de espelho para o seu filho, pois a criança repete os sinais e os sons emitidos pela mãe durante o período em que é cuidado por ela.

Após o nascimento a criança e a mãe se interagem a partir do olhar, da voz, dos gestos, podendo por meio destes acalmar ou até mesmo agredir o

bebê, dependendo do afeto em que a mãe se relaciona com ele, revelando o apego que existe entre ambos e a relação que envolve mãe-bebê no cotidiano.

A criança em seus primeiros anos de vida não apresenta somente amor pela sua mãe, mas pode também apresentar ódio por ela, como por exemplo, quando sente fome e ataca o seio da mãe com mordida, então, a criança não apresenta somente o vínculo de amor pela mãe.

A mãe possui uma comunicação com o bebê o que permite a capacidade de compreender às necessidades dele, apenas a mãe pode entender essa necessidade, pois a partir do momento em que se torna mãe ela passa a se colocar no lugar do bebê, a sentir as mesmas coisas que o bebê sente, nenhuma pessoa ou objeto pode ser treinado para satisfazer os desejos do bebê, só a mãe possui essa capacidade.

Por meio da amamentação que é o principal vínculo da maternagem e desenvolvimento oral da criança, é possível perceber a relação existente entre mãe-bebê, pelo carinho, pela forma em que a mãe amamenta o seu bebê, pelo olhar, pela forma em que o acaricia, demonstrando alegria em ser mãe, essa relação é qualitativa. Com esse vínculo, durante a amamentação que não está vinculado apenas ao seio da mãe, mas também está relacionado com a sua voz, carícias e embalos, a criança se sente segura para se desenvolver e descobrir o mundo que a rodeia a partir do que a mãe o transmite.

Ela reconhece a mãe pelo seu cheiro e pela sua voz, mas do que pelo seu olhar, de fato nesta fase a criança passa a conhecer o seu próprio corpo, e a configuração dos limites do seu próprio eu. Além disso, o aleitamento materno é mais que uma forma de afeto, é importante, pois além de propiciar o vínculo entre mãe-bebê ele protege a criança de várias doenças e alergias nos primeiros anos de vida.

Muitas vezes, a dificuldade de alimentação da criança não vêm de nenhum problema físico, mas da dificuldade da mãe em se adaptar as necessidades do seu bebê, pois a mãe não aprende a cuidar de um bebê lendo livros, revistas, assistindo aulas com médicos ou enfermeiras, mas pela observação de outras pessoas alimentando uma criança ou até mesmo por meio de brincadeiras enquanto criança como a brincadeira de papai e mamãe em que a menina obtém o papel de mãe e cuida da boneca como se fosse seu filho, ou seja, uma criança de verdade.

Quando mãe e filho conseguem se relacionar durante a alimentação, ocorre a relação humana, criando oportunidades para que a criança possa se relacionar com objetos e com o mundo exterior.

Durante os primeiros anos de vida, o bebê é totalmente dependente da mãe ela é quem atende as suas necessidades, pois o bebê ainda não tem capacidade de realizar os seus desejos e necessidades, como fome, necessidades fisiológicas, banho, nesta etapa da vida da criança a mãe é como se fosse uma parte do bebê, um pedaço que o compõe, é a partir desse vínculo mãe-bebê que a criança começa a se desenvolver, a criar segurança em si mesmo e a constituir uma personalidade própria tendo como base o que a mãe lhe oferece. O bebê que tem a mãe presente, fala mais rápido, anda mais rápido, tem facilidade em estabelecer relações, não importa se a mãe seja biológica ou adotiva, importa que ela possa criar relações de confiança e amor com o bebê, esse processo envolve mãe-filho.

Para Winnicott (1988, p.54), “segurar e manipular bem uma criança facilita os processos de maturação, e segurá-la mal significa uma incessante interrupção destes processos, devido às reações do bebê às quebras de adaptação”.

A forma adequada com que a mãe segura a criança no colo faz com que se crie um ego na criança desde o primeiro instante, a criança sente através da respiração da mãe que é agradável estar em seu colo, pois essa forma com que a criança é segurada traz a ela segurança, que é adaptado pela sensibilidade da mãe, essa sensibilidade faz com que a mãe se sensibilize com a necessidade do bebê e o atenda, é dessa forma que a mãe se coloca no lugar do bebê, a criança não vai se lembrar se foi segurado corretamente enquanto bebê, mas se lembrará do trauma de não terem sido segurados corretamente.

A criança constrói um modelo representacional de si mesma. (BOWLBY, 1988). Dependendo da maneira em que foi cuidada, ela passa a confiar em si e passa a adquirir segurança e independência, a criança se espelha na mãe, então os sinais que a mãe apresenta nos primeiros anos de vida da criança são os sinais que elas irão seguir, pois a mãe desenvolve um papel importante nessa fase de desenvolvimento da criança, ela é quem vai apresentar os primeiros contatos da criança com o mundo em que vive.

Nos dois primeiros anos de vida a mãe é peça importante para a formação de todos os relacionamentos dos filhos sejam eles internos ou externos que o integra ao meio em que vive, a mãe vai criando espaços que permitem que esse vínculo aconteça, com crianças, adultos, pai, avós, tios, pois a mãe o integrará ao meio de convivência da família, de fato nessa faixa etária a mãe tem papel importante no desenvolvimento do bebê, pois ela quem lhe ensinará os primeiros gestos, ela que atenderá aos seus choros, sentimentos, respondendo as necessidades físicas e psíquicas da criança.

Nessa faixa etária de 0 a 2 anos, a mãe apresenta objetos ao seu filho o que agora passa a ser propício para o seu desenvolvimento, proporcionando que a criança perceba o seu corpo e tudo o que está ao seu redor, descobrindo o mundo em que vive e os elementos que o compõem, a mãe deve criar espaços que permitam à criança descobrir a interação que pode manter com o meio em que se relaciona diariamente proporcionando a criança contato com o meio em que vive, apresentando-lhe brinquedos e brincadeiras propícias ao período de vida que a criança se encontra.

Quando há um bom vínculo com a mãe, a criança pode se desenvolver melhor por se sentir segura, harmoniosa e tranqüila, pois a mãe transmite esses sentimentos para a criança durante o período em que atende as suas necessidades.

Durante os três ou quatro meses de idade a criança pode obter a capacidade de ter os mesmos sentimentos que a mãe que se identifica com o seu bebê, ele é capaz de saber caracterizar uma mãe que se dedica a algo que não faz parte dela própria. A criança é capaz de identificar que a mãe se dedica à ela de uma forma diferente, da forma como que se a própria mãe fosse o bebê, se colocando em seu lugar, para buscar atender às suas necessidades.

Quando o bebê está por volta dos seis ou sete meses de idade, ele se torna capaz de estabelecer a relação do que se ingere e do que se excreta, ele se interessa pela parte interna do seu corpo, ou seja, a área entre boca e ânus, há dois tipos de excreção, uma considerada má, pois precisa da mãe para que ela ocorra, e outra considerada boa, e pode ser algo a ser oferecido como presente em um ato de amor.

O bebê necessita de um tempo para compreender o que seria uma boa e uma má substância, para poder adquirir confiança ao ato de dispor o que vai

ser descartado, a mãe auxilia o bebê a se livrar das dificuldades das substâncias excretadas e estão disponíveis para receber os presentes de amor. A mãe deve deixar que as excreções do bebê ocorram de forma natural. A criança desde que nasce já é um humano, embora sejam infantis.

O processo de desenvolvimento individual da criança depende da forma em que ele e a mãe se relacionam nos seus primeiros anos de vida, a criança vai se tornando segura de suas capacidades pela forma em que a mãe transmite a ela segurança e conforto, uma criança que tem a figura da mãe interessada em cuidar do seu filho, tem capacidade de se desenvolver mais tranquilamente e de se relacionar com o meio externo.

Durante o primeiro e o segundo ano de vida, a mãe pode possibilitar brincadeiras para que ocorra a aprendizagem da criança, pois nesta faixa etária a aprendizagem ocorre por meio das brincadeiras, tornando a criança motivada e interessada. A mãe por meio da ludicidade, cria espaços para a estimulação da curiosidade e descobrimento da criança, proporcionando assim que a criança adquira confiança em si mesmo e nos outros.

A mãe deve propiciar a criança vários momentos para que brinquem juntos, possibilitando que a criança demonstre a sua criatividade, e a partir de seus sentimentos se comuniquem com as pessoas ao seu redor. Por meio da brincadeira, a criança se comunica, utilizando-a para estabelecer relacionamento com os pais e com adultos, estabelecendo a partir deste meio vínculo com os outros.

3 A MÃE E O BEBÊ

3.1 O bebê

Um bebê não pode existir sozinho sem a presença de sua mãe, pois ambos fazem parte de uma relação de afeto, e esta é fundamental para a construção do vínculo. Este vínculo entre mãe e bebê é estabelecido a partir da relação construída entre os dois, desde o nascimento do bebê, podendo no decorrer desse processo acontecer um fracasso neste relacionamento, onde a mãe não consegue realizar a maternagem com o bebê, assim a mãe não é considerada suficientemente boa, pois deixa de corresponder às possíveis necessidades fisiológicas e biológicas do bebê, durante o período em que o ele é totalmente dependente de sua mãe e, sem ela não é capaz de sobreviver. Para que o bebê se desenvolva bem é necessário que seja ofertado a ele um

ambiente adequado, possibilitando boa qualidade de vida neste processo de desenvolvimento que ocorre nos primeiros anos de vida do bebê.

É necessário que condições ambientais sejam adequadas, que haja uma “maternagem suficientemente boa” (WINNICOTT, 1999, p.30). Para este autor são três funções necessárias para o exercício da boa maternagem: o holding (sustentação), a forma em que a mãe segura a criança em seu colo; o handling (manejo), por meio dos toques da mãe no corpo do bebê, possibilitando o bebê descobrir seus movimentos e habilidades corporais; a apresentação dos objetos, quando a mãe apresenta novos objetos para o filho inserindo-o no mundo exterior. E, estas três funções são inseridas no cotidiano do bebê pela mãe nos primeiros anos de vida da criança.

Assim, quando a mãe exerce a boa maternagem, está contribuindo para o desenvolvimento da criança, possibilitando a sua integração ao meio em que ela e sua família estão inseridas.

3.1.1 Holding

A base da personalidade estará sendo bem assentada se o bebê for segurado de forma satisfatória (WINNICOTT, 1988 p.54). A forma em que a mãe segura o bebê no colo e promove a sua sustentação se caracteriza pelo nome de holding. Essa sustentação passa para o bebê o sentimento do quanto é amado e desejado pela mãe, sendo este segurado com firmeza, cuidado e amor. Nesta fase, a mãe arma o colo para o a sustentabilidade do bebê que adquire confiança, transmitindo a ele o sentimento de segurança, podendo influenciar o seu processo de maturação. Nesse estágio o bebê depende totalmente da mãe.

Durante esse período em que o bebê se encontra pode ocorrer uma deficiência, como mudanças na forma de maternagem, provocando sensações desagradáveis e insegurança para o bebê podendo afetar o seu ego. É, então, por meio do holding que acontece a integração do bebê com o mundo exterior.

A criança se não for bem segurada lembrará com trauma da experiência que obteve durante o tempo em que foi sustentado em um colo mal armado pela sua mãe.

3.1.2 Handling

Outro processo que envolve o bebê e sua mãe é o handling, processo pelo qual a criança descobre as diversidades e limites do seu corpo por meio das mãos da mãe, envolvendo o processo em que a mãe oferece tratamento, cuidado e manipulação para o bebê, podendo ocorrer nos momentos de banhos do bebê, trocas e, massagens realizadas por ela no corpo do bebê. Portanto, o bebê passa a conhecer as limitações do seu próprio corpo.

Nesta fase, a criança começa a colocar as mãos e outros objetos na boca, segurar os pés, olhar para as mãos em movimento, busca alcançar e pegar tudo o que estiver ao seu alcance.

A mãe é quem estará influenciando o processo de desenvolvimento das potencialidades do corpo do bebê, promovendo nele o interesse em descobrir as extremidades do seu próprio corpo.

3.1.3 A apresentação dos objetos

Nesta fase, a mãe começa a apresentar objetos para a criança, os objetos transicionais, a criança deixa as partes do seu corpo e passa a ter contato com outros objetos, ela passa a introduzir um objeto macio ou duro em suas brincadeiras, neste período a criança passa a perceber o não-eu, ou seja, passa a perceber que existem objetos que não fazem parte de seu próprio corpo. A mãe é quem insere este objeto transicional no cotidiano do bebê.

O bebê deixa de levar as mãos até a boca e passa a levar os objetos que possui uma ligação, a criança durante este período poderá desenvolver a sua criatividade, influenciando no seu desenvolvimento, a criança passa a criar

relações com outras pessoas, passando a conhecer e compartilhar a realidade do mundo que a rodeia.

O bebê passa a utilizar esses brinquedos para controlar as suas ansiedades, para ele esses objetos são muito importantes, principalmente no momento em que vão dormir ou que estão chorando alguns bebês só consegue tirar uns minutos de sono ou se acalmar se estiver de posse do seu objeto transicional.

A criança pode também balbuciar alguns sons tentando pronunciar o nome do objeto, podendo até sair alguma palavra, a mãe ao ofertar um objeto para a criança deve pronunciar o seu nome, para que a criança recorde e balbucie o som que ouviu, é importante que a mãe pronuncie corretamente o nome do objeto. A mãe não deverá mudar o objeto transicional do bebê este, portanto, só será mudado se o próprio bebê mudar, para a criança este objeto sempre dispõe de um significado próprio do bebê.

Para que ocorram esses três processos com qualidade, é necessário que o ambiente de facilitação seja suficientemente bom, ofertando assim para a criança a capacidade de obter resultados favoráveis em seu processo de desenvolvimento.

A integração faz parte do processo de desenvolvimento do bebê, a mãe é quem integra o bebê ao meio, neste período a mãe é papel fundamental para que o desenvolvimento ocorra.

Por meio da apresentação de objetos e das brincadeiras promovidas pela mãe à criança começa a conhecer o mundo exterior e a fazer parte dele, mantendo relações com outras pessoas do convívio familiar.

3.3 A relação mãe-bebê

Sabemos que o mundo estava lá antes do bebê, mas o bebê não sabe disso, e no início tem a ilusão de que o que ele encontra foi por ele criado. Esse estado de coisas, no entanto, só ocorre quando a mãe age de maneira suficientemente boa. (WINNICOTT, 1975)

Nos registros deixados pela nossa primeira infância, encontramos a base de nossa vida emocional adulta. Somos, nesta fase, extremamente sensível ao meio em que vivemos.

Na teoria winnicottiana é dada ênfase ao meio ambiente maternante - relação mãe/bebê, como essencial no desenvolvimento e amadurecimento saudável do ser humano. Ele coloca esse ambiente como fundamental para a saúde. Falhas deste meio ambiente poderão ter como consequência, diferentes quadros psicopatológicos.

Ao falar de ambiente, nesta teoria, estaremos incluindo tanto o ambiente físico quanto os aspectos emocionais necessários ao desenvolvimento do bebê, representados por uma mãe “boa suficientemente boa”. Porém, não podemos esquecer que esta mulher também precisa de um ambiente que a acolha e lhe dê apoio para que ela possa, uma vez identificada com seu bebê, adaptar-se ativamente às suas necessidades e preenche-las. O pai ou na falta dele, o meio ambiente familiar e social vem geralmente proporcionar este apoio.

Entendemos esta mãe “suficientemente boa” como uma mulher que agora está grávida e, que não necessariamente precisa ser uma mulher especial, com dons especiais. A futura mamãe é uma “mulher comum”, que naturalmente entrará num estado, que Winnicott chamou de “preocupação materna primária” (2002), semanas antes e após o parto, dando-lhe condições psicológicas para poder traduzir as necessidades de seu bebê em ações que levem a satisfação.

Winnicott (2000) define a “preocupação materna primária” como:

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida (401).

O estado de “adaptação ativa”, (2002) parte inicial e integrante do estado de “preocupação materna primária”, tão necessária nesse primeiro

momento para que o bebê possa vir a vivenciar a área de ilusão, sofrerá naturalmente uma diminuição, de acordo com o desenvolvimento do bebê.

A forte identificação da mãe com seu bebê, oriunda do período de preocupação materna primária, permanecerão, no entanto, sensibilizando a mãe das necessidades físicas e psicológicas do seu bebê.

Mãe esta que se encontra, segundo Winnicott (2002) naquele estado especial que dá as mães condições de estarem presentes mais ou menos no momento e no lugar certos. Isto se chama adaptação às necessidades, que permite ao bebê descobrir o mundo de forma criativa.

Importante esclarecer que o bebê ao nascer é formado por um conjunto não organizado de instintos e pulsões, que necessitará da mãe para realizar seu processo de integração. Estando num estado inicial de dependência absoluta, não integrado, dependerá totalmente do meio ambiente, representado pela mãe. A mãe “suficientemente boa” propiciará o meio ambiente facilitador para a integração dos fragmentos de realidade apresentados por ela, condizentes com o desenvolvimento e, portanto, capacitando o bebê de poder lidar com eles. Será importante, portanto, a forma como a mãe vivencia a sua identificação com a realidade do bebê, e como esses fragmentos serão apresentados para o bebê na relação com ela, para que este processo de integração possa ocorrer satisfatoriamente.

Na falta de um meio ambiente “bom o bastante” e, no caso, por exemplo, da mãe estar tensa, ansiosa ou deprimida, este meio ambiente criado, na relação mãe-bebê será sentido como inóspito por invadir e dificultar a linha de continuidade de ser do bebê. Este precisará assim, construir desde cedo, defesas contra invasões, ou seja, excesso de estimulação vinda do meio, estímulos esses com as quais ele não está em condições de lidar, o que pode resultar na quebra da linha de continuidade.

No estado de não-integração e dependência em que o bebê se encontra, existe o predomínio de potenciais hereditários e inatos, assim como a tendência à integração e independência, que somados a uma série de experiências físicas e emocionais proporcionadas pelo meio ambiente maternante bom o bastante e facilitador, vai abrindo espaço para a experiência ilusória, dando origem à área de ilusão. Essa área de ilusão, fruto do desenvolvimento da criança, inserida neste meio ambiente, abrirá caminho

para a relação gradativamente maior com a realidade externa apresentada, aos poucos, pela mãe.

Nesta primeira fase, as falhas naturais da mãe fazem com que surja a angústia de separação e a criança lance mão de um objeto, a princípio: o polegar, a fralda, um brinquedo, para preencher estas lacunas. Esses objetos intermediadores servirão de ponte entre o mundo interno e o externo, ajudando na transição do bebê, do estado de dependência absoluta, a dependência relativa e rumo a futura independência. Ajudam a poder vir a distinguir aquilo que é “ele”, separado do “outro”.

Estes objetos transicionais, sob o controle, ainda, onipotente da criança, ajudam no processo da separação gradativa da mãe, mitigando a angústia e resultando no estabelecimento de um “eu” diferenciado do “não-eu”. Aos poucos esse interagir vai capacitando a criança a se separar da mãe sem sentir angústia, lidando melhor com a realidade externa que paulatinamente vai se construindo. O balbucio do bebê, o dedo, assim como o uso de um objeto incide na área intermediária enquanto fenômenos transicionais.

Sobre os objetos transicionais, Winnicott (1975) coloca que introduziu os termos ‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta. Por esta definição, o balbucio de um bebê e o modo como uma criança mais velha entoia um repertório de canções e melodias enquanto se prepara para dormir, incidem na área intermediária enquanto fenômenos transicionais, juntamente com o uso que é dado a objetos que não fazem parte do corpo do bebê, embora ainda não sejam plenamente reconhecidos como pertencentes à realidade externa.

Ainda, Winnicott (2000) nos coloca que o objeto transicional não é significativo por ser uma coisa; sua coisidade é crucial apenas porque ela ajuda a criança a sustentar uma realidade interna que se amplia e evolui, e a auxilia a diferenciá-la do mundo que não é o eu.

Um fator importante para que o bebê faça a gradativa transição do estado de não-integração para o de integração é a sustentação dada pela mãe. O que caracteriza a integração é a junção dos núcleos do ego, diferenciada dos

estímulos do meio, e a descoberta gradativa de ser ele mesmo, separado do meio. A vivência da “continuidade da linha da vida” proporcionada pelo meio ambiente maternante bom o bastante, que abordaremos a seguir, facilitará o processo de integração e a possibilidade de um ego saudável. Neste processo, será importante que a mãe sirva de ego auxiliar, de para-excitação, para intermediar os estímulos ambientais excessivos.

Todo o processo de desenvolvimento saudável dependerá de um ambiente que seja facilitador, que não tenha estímulos excessivos e que proporcione suporte para que o bebê e futuramente a criança possam desenvolver seus potenciais. Neste ambiente facilitador do processo de amadurecimento proporcionado pela mãe, o bebê se desenvolve. Ela é responsável por todos os cuidados físicos e afetivos necessários, para preencher as necessidades do bebê, e de acordo com Winnicott, esta é a única forma de amor que o bebê pode reconhecer nesta fase.

É por meio do “holding” que o bebê terá a experiência de continuidade do ser. Essa experiência de continuidade é decorrente de uma adaptação do meio às necessidades da criança, que não se sente invadida pela mãe-ambiente, nem mantida num meio inconstante e sentido como ameaçador. Todo esse suporte necessário contido no “holding” está estreitamente conjugado com o manejo ou “handling”, segundo Winnicott (2002).

Será por meio do manejo cuidadoso, sensível e, portanto, carinhoso, que a relação positiva vai sendo construída e mantida pela mãe. Esse contato físico, que se deu pelo manejo, levará a criança, a um reconhecimento gradativo de seu corpo, possibilitando uma construção imaginária do mesmo, resultando na psique encontrando o corpo como sua morada. Este momento é importante por assinalar o êxito de um marco no desenvolvimento. No processo de integração, o bebê reconhece-se como “eu sou” ou “rei do castelo”, neste momento há um reforço mútuo entre o funcionamento do corpo e o desenvolvimento do ego.

“Na posição ‘eu sou’ ou ‘rei do castelo’, o indivíduo pode ou não, por razões internas ou externas (e o bebê ainda é altamente dependente), conseguir lidar com a rivalidade que isto engendra (‘você é o patife sujo’). Na saúde, a rivalidade se torna um estímulo adicional ao crescimento e ao sabor de viver.” (WINNICOTT, 1994, p. 89) Se o bebê é o “rei do castelo” o outro

(mãe) é o patife sujo do qual ele (bebê) depende e que almeja ser igual. Torna-se importante nesse processo um reforço de ego da mãe para o seu bebê e sua capacidade de adaptar-se as necessidades dele fornecendo uma realidade de dependência.

Durante o processo de integração, a mãe, ao cuidar da criança, estará oferecendo o “holding” e o “handling”, num ambiente confiável, seguro e, portanto, sensivelmente equilibrado, de forma que a criança ao ter a sensação de segurança e confiabilidade possa vir a se integrar gradativamente, ligando a psique com o soma. A psique encontrará, aos poucos, a sua morada no corpo. A psique se incumbem da elaboração imaginativa das funções somáticas e vai se desenvolvendo, resultando no processo de “personificação” que é fruto da ligação psique-soma.

Desta forma, teremos o surgimento do Self como unidade, levando ao gradual reconhecimento da mãe como um “outro”. Este Self constituído, será então, chamado de Self verdadeiro, sendo deste modo o núcleo da personalidade, o núcleo do ego que permanecerá oculto e integrado. A mente, segundo a concepção de Winnicott, é uma instância especializada da psique, que se desenvolverá a medida que a criança começa a ter consciência do meio externo, e permitirá que ela possa lidar com as falhas crescentes do meio ambiente, de acordo com o estágio e possibilidades no seu processo de amadurecimento.

Winnicott (1982) afirma que do mesmo modo que a criança constrói o Self verdadeiro num desenvolvimento normal, ele também desenvolverá, normalmente o falso Self (1982). O falso Self surge como uma defesa natural, para que a criança possa adaptar-se ao meio ambiente social no qual ela vive. O falso Self irá suprir o verdadeiro quando se fizer necessário para uma adaptação adequada, constante, ao meio ambiente, o que consiste em poder negociar e conceder. Numa relação patológica com o meio ambiente, o falso Self é utilizado como uma forte defesa onde seu uso se torna exclusivo, a fim de atender e simplesmente agradar ao meio ambiente. O uso do falso Self numa forma excessiva encobriria, nos casos mais graves, o verdadeiro Self, deixando transparecer somente a “casca”, o “socialmente aceito” e não a real pessoa. Nos pacientes de lúpus, por exemplo, supõe-se um uso maior do falso Self, pela dificuldade que se observa nos pacientes em “negociar” com o meio

ambiente, passando a mostrar-se “ flexíveis” nos relacionamentos com as outras pessoas, pela sua dificuldade de expor seus desejos. Podemos, portanto, facilmente depreender como este ser em desenvolvimento precisa de um “meio ambiente maternante”, capaz de dar o “holding” e o “handling” que o bebê necessita, para que possa alcançar um desenvolvimento saudável.

Porém, nem sempre é possível um desenvolvimento infantil sustentado, com uma mãe capaz de dar o “holding” e “handling” que a criança necessita. Winnicott (2001) afirma que uma boa proporção de mães e pais, em virtude de doenças sociais, familiares e pessoais, não consegue fornecer à criança condições suficientemente boas a época de seu nascimento.

Durante o desenvolvimento, o bebê é capaz de suportar adversidades e tensões, contanto que ele possa confiar no “meio ambiente maternante”. Porém, se o meio ambiente primário se apresentar como inóspito provocando “tensão” e/ou inconstância afetiva, a sensação de segurança e continuidade de ser deixa de existir, e surge, então, uma tendência natural de sobrevivência, de buscar defesa fazendo uso do falso Self, a fim de poder lidar com este meio ambiente e se adequar a ele.

4 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO MÃE/BEBÊ PARA AS CONSTRUÇÕES PSÍQUICAS: UM ESTUDO DE CASO

4.1 A Relação mãe-bebê e a constituição subjetiva

Este estudo consiste em observar por meio de registros, com base nos referenciais desta pesquisa, um bebê recém nascido e sua mãe, à qual nos referiremos como “Le” para o bebê e “Lu” para a mãe.

As observações foram feitas e registradas no período de recém nascido a 2 meses, objetivando o aprofundamento da importância destas relações iniciais mãe/bebê e suas implicações para a constituição mãe/bebê.

Este registro permite-nos perceber a importância destas relações iniciais mãe/bebê, tornando-se essenciais, para pensarmos na prevenção de possíveis transtornos globais advindos desta relação.

Foram realizadas as observações por dois meses, visto que buscamos seguir o descrito nos indicadores de risco.

Algumas fotos acompanham esta análise, visando demonstrar de maneira ilustrativa, um pouco do trabalho desenvolvido.

Assim, para se dispor de aparelho perceptivo que funcione bem, ter uma evolução postural psicomotora adequada ou ter uma mãe carinhosa que brinca com ela, nenhuma dessas coisas, isoladamente, determina que uma criança possa evoluir psicologicamente de um modo adequado ou não.

Como já foi dito anteriormente, a perspectiva de desenvolvimento na qual se baseia a psicanálise parte do princípio de que a subjetividade é um aspecto central e organizador do desenvolvimento em todas as suas vertentes. Essa subjetividade, por sua vez, é construída pela inserção da criança na linguagem e na cultura. O que caracteriza o bebê humano é o fato de que seus instintos pré-formados são ressignificados por seu meio ambiente, o que o distancia do funcionamento animal em sua dimensão etológica. Nessa perspectiva, dá-se a possibilidade de uma abertura para a linguagem, que vai marcar e organizar as funções orgânicas, anatômicas, musculares, neurofisiológicas da criança, a partir do laço que ela estabelece com um outro humano, geralmente a mãe ou o cuidador.

Esse circuito é chamado de pulsional porque organiza os ritmos de satisfação e de relação do bebê com seu corpo e com o corpo do outro, entendidos aqui em uma dimensão erógena e não biológica. O ritmo do desenvolvimento vai ser então regulado pelo desejo deste outro humano – Outro¹.

O ordenamento da linguagem - desde que personalizado por um adulto desejante - é o eixo que move, organiza, interfere e configura as linhas gerais do desenvolvimento. Portanto, há uma estrutura simbólica que organiza o processo de desenvolvimento, de modo a permitir o surgimento de um sujeito. Esse surgimento depende, então, das significações que se colocam em jogo no cuidado do bebê.

¹ Outro com maiúscula, para denominar aquele que está em posição de exercício dessa função de sustentar e orientar a evolução da criança.

Só será possível dizer que um bebê está construindo uma subjetividade a partir de certas manifestações que possam ser identificadas como respostas do sujeito, ou seja, singulares, próprias daquela criança em particular.

As atividades básicas que constituem a vida de um bebê em seus primeiros meses, tais como dormir, acordar, mamar, olhar ou defecar dependem não somente do puramente orgânico, mas também das marcas simbólicas efetuadas por seus cuidadores, primeiros agentes e transmissores dessas marcas - seus pais. Tais marcas, ao serem impressas sobre o equipamento neuroanatômico do bebê, colocam uma referência fundamental para o seu funcionamento. Por isso, trata-se de investigar o desenvolvimento da criança de modo articulado à constituição psíquica.

Para que se instale no bebê esse circuito de satisfação que o enlaça com o Outro e permite o seu desenvolvimento, a mãe precisará sustentar certas funções:

- Estabelecer a demanda da criança: as primeiras reações involuntárias que um bebê apresenta ao nascer, tais como o choro, precisam ser entendidas pela mãe como um pedido que a criança dirige a ela e que a mãe se coloca em posição de responder. Isto inicialmente implica uma interpretação em que a mãe usa a linguagem, traduz em palavras as ações da criança e "traduz" em ações suas próprias palavras.

- Supor um sujeito: Trata-se aí de uma antecipação, pois o bebê ainda não está constituído como sujeito, mas tal constituição depende justamente de que ele seja inicialmente suposto ou antecipado. É a partir dessa suposição, por exemplo, que o grito do bebê poderá ser tomado como um apelo e assim interpretado, abrindo para ele a possibilidade de, em sua emissão seguinte, já estar efetivamente marcado por uma significação de apelo.

- Alternar presença-ausência: implica que a mãe ou o cuidador não responda ao bebê apenas com presença ou apenas com ausência, mas que produza ali uma alternância, não apenas física, mas sobretudo simbólica. Para que um bebê se torne um ser desejante (o que equivale a ser autônomo e singular), é necessário que ele possa ter uma experiência de falta. Mas não uma falta qualquer - meramente física, por exemplo -, mas de uma falta que possa ser falada. É por isso que, para o bebê se tornar um ser de linguagem, será necessário que as inscrições psíquicas se ordenem de modo descontínuo, alternado, e é a alternância presença-ausência oferecida pelo agente materno que poderá produzir essa descontinuidade.

- Instalação da função paterna: Quando essa função se instala, a criança renuncia às satisfações imediatas que antes advinham da relação com o próprio corpo e com o corpo da mãe ou de seu cuidador. Para que a função paterna opere, é preciso que a mãe situe a lei como uma referência a um terceiro em seu laço com a criança, não fazendo desta criança um objeto que se presta unicamente à sua satisfação. É graças à ação da função paterna que uma criança poderá distanciar-se do outro materno e utilizar então a linguagem em sua função simbólica. Ao mesmo tempo, isso a empurra na direção de procurar novas formas de satisfação.

Esses diferentes eixos - estabelecimento da demanda, suposição de sujeito, alternância de presença-ausência e função paterna - não comparecem separadamente no decorrer do desenvolvimento, mas se entrelaçam nos cuidados que a mãe dirige à criança e também nas produções que a criança realiza, dando testemunho dos efeitos de inscrição de tais marcas. Não aparecem, então, como funções separadas ou autônomas, mas fazendo parte e orientando as funções, tanto físicas como psicológicas.

4.2 Da Gestação

A mãe quando gesta um bebê, o faz não somente em seu corpo, bem como também, cria em seu imaginário uma fantasmática de bebê. Sendo assim, um dia esta mãe imagina seu bebê de uma forma e de um sexo diferente. Este bebê ocupa em seu imaginário o lugar de um bebê Ideal. O bebê acaba sendo fantasiado muito mais como um produto materno do que como um produto dual. (RAPPAPORT, 1981).

Observamos que, para essa futura mamãe, o tempo da gestação biológica não é solidário com o tempo da ‘gestação psíquica’; ela não se sente grávida de um bebê, mas de um corpo estranho que a invade de angústia e perplexidade. Segundo Aragão (2004), o período da gravidez constitui o tempo de elaboração necessário para a construção da representação do bebê no psiquismo materno, para a criação do espaço psíquico para o bebê – quando lhe caberia a incumbência de transformar esse estrangeiro em familiar. Trabalho psíquico de antecipação e de inserção do sujeito na cadeia simbólica, suporte de subjetivação.

Segundo a mãe “Lu” no primeiro momento em que descobriu a gestação, sentiu susto e medo, pois seu filho tinha apenas seis meses quando engravidou novamente, mas após este período sentiu muita alegria, pois relatou que filhos são presentes de Deus. Durante o início do período gestacional a mãe desejava muito que fosse uma menina, relatando que como o outro filho o bebê que ela esperava agora era também uma promessa de Deus, pois três anos antes de engravidar do seu primeiro filho ela tinha gestado um casal de gêmeos, mas abortou-os espontaneamente. Imaginava que o bebê que esperava seria parecido com o outro filho, sua imaginação se concretizou com o nascimento de “Le”, que segundo ela é muito parecida com o outro filho.

Quando questionada sobre como está sendo a sua relação agora com os dois filhos, ela relatou que no começo foi meio difícil, pois como seu filho tinha apenas um ano e três meses, ele ficou muito enciumado, devido a idade não entendia o que estava acontecendo, considerando que ele ainda é um bebê, então foi necessário tomar alguns cuidados para que ele não a machucasse, mas agora já está se acostumando e a relação entre mãe-bebês está ocorrendo muito bem, a mãe encerra o seu relato dizendo que está fazendo de tudo para que ambos recebam o carinho e amor que ela sente por eles.



Figura 1 Período gestacional - 7 meses



Figura 2 Período de gestação - 9 meses

Assim, o bebê, mesmo antes de nascer, já está inserido numa cadeia simbólica que irá representá-lo, porém, o seu aparelho psíquico, virgem de inscrições significantes, só se deixará marcar pela obra do desejo do Outro; e o

lugar que ele ocupa no desejo de seus pais poderá ser lido na maneira como falam e lidam com ele, como satisfazem ou não às suas necessidades, se seus gestos são significados pelo Outro e entendidos como endereçados ao Outro, em outras palavras, se o bebê é objeto de identificação para os pais e antecipado como um sujeitinho desejante. As experiências compartilhadas e absorvidas inicialmente como prazer-desprazer irão delimitando, contornando o seu corpinho e constituindo a sua subjetividade.

4.3 Nascimento

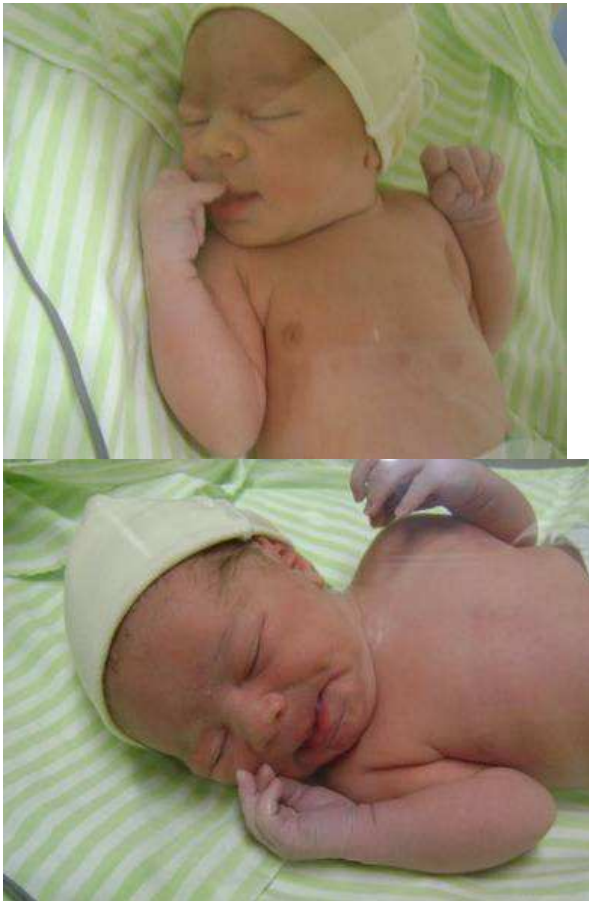


Figura 3 Primeiros minutos de vida

Do nascimento do bebê, a mãe tem que elaborar vários lutos, dentre eles, do lugar de filha que era para o lugar de mãe que se tornou, bem como, elaborar um luto do bebê Ideal para o bebê Real. Esta ruptura daquilo que a mãe imaginava, “bebê Ideal” para o que ela tem agora em seu colo “bebê Real” necessita de elaboração de luto, para que esta mãe possa exercer sua função materna, ou seja, perceber um

sujeito neste bebê para que possa fazer antecipações e investir nele. Assim, em grande parte, ela é o bebê, e o bebê é ela. (WINNICOTT, 1988, p.4)

Desde que o bebê nasce, então, a mãe procura estabelecer com o filho um modelo de comunicação, no qual busca compreender suas sinalizações, como por exemplo, “Este choro é fome”, “Agora ele está com sono”. Passado um período inicial de adaptação a relação entra em sintonia e o bebê passa a se sentir acolhido e satisfeito na maior parte das vezes.

4.4 Das primeiras relações mãe/bebê

A mãe após o nascimento deseja ver o rosto do bebê, espera com ansiedade o momento de segurá-la em seus braços e lhe ofertar carinho. Quando este chega aos seus braços, a mãe se emociona muito e transmite toda a alegria e satisfação em tê-lo no colo. É o momento de mais prazer para a mãe após o nascimento, pois para ela a partir deste momento será de dedicação total com os cuidados do bebê, este depende dela para sobreviver.

Neste período a mãe passa a exercer a primeira maternagem para com o seu bebê, se dedica para ser uma mãe boa, atendendo a todas as necessidades do bebê. A criança é como que sentida uma extensão da mãe. (WINNICOTT, 1988, p.12)

Para que exista um bebê, ser potencial de desejo é preciso que haja um laço saudável entre a mãe e o bebê. Porém, quando o olhar da mãe se desvia da criança, nesta relação que ainda está frágil, o investimento de amor entre eles se torna problemático.



Figura 4 Primeiro contato após o nascimento

4.5 O bebê no colo - como a mãe arma o colo

A forma com que a mãe arma o colo ao segurar o bebê, é de grande importância para que o bebê se sinta seguro. Um colo bem armado traz a ele segurança e confiabilidade, o bebê confia na mãe e fica tranquilo ao ser bem segurado, um bom colo dará a criança a sensação de conforto, se a criança não sentir conforto no colo em que é segurado, ela certamente irá chorar, demonstrando a situação de desconforto em que está submetido.

O bebê sente a sua respiração, e do seu hálito e de sua pele irradia-se um calor que leva o bebê a sentir que é agradável estar em seu colo. (WINNICOTT, 1988, p.15).

4.6 Amamentação

O primeiro objeto com o qual o bebê se relaciona é a mãe e o alimento que ela proporciona. Partindo deste princípio, Klein (1952), estabeleceu que o melhor critério para compreender o mundo particular dos bebês seria estudar suas atitudes com relação ao alimento, isto porque a gratificação está tão intimamente relacionada ao objeto que dá o alimento, como também, com o próprio alimento. É da relação entre mãe-bebê que se desenvolve a primeira relação objetal do recém-nascido e ainda só podendo se desenvolver quando a ansiedade não é excessiva, considerando-se aqui os dois sujeitos. Uma boa relação objetal num estágio primitivo constitui um ponto fundamental para as relações futuras com as pessoas e para o desenvolvimento emocional como um todo.

Assim, durante o período de amamentação, a mãe e, o bebê, tem a oportunidade de ter uma relação íntima e física, enquanto a criança está sendo amamentada, ela olha fixamente para a mãe, apoiando a mão em seu seio acompanhando a sucção.

A amamentação se torna um elemento principal da maternagem. A criança amamentada com o leite materno possui um desenvolvimento mais precoce do que as crianças que são alimentadas com leite industrializado.

Esta experiência de amamentação entre mãe e bebê é muito gratificante, pois a amamentação exerce grande importância para o desenvolvimento do bebê, proporcionando a ele confiança e segurança. Mamar deve ser acompanhado de um ritual prazeroso de conhecimento de uma figura amada e permanente. (RAPPAPORT, 1981, p.38).



Figura 5 A mãe-bebê: momento da amamentação

Os bebês que manifestam prazer no alimento e amor pela mãe, suportam mais facilmente a frustração no tocante ao alimento, tanto quando uma mamada está atrasada, quanto no tocante a introdução de um novo alimento. Estas observações derivam dos comportamentos de alguns bebês ,constituindo casos particulares, uma vez que alguns bebês reagem negativamente a um novo alimento e, também, quando a mamada está atrasada, podendo inclusive chegar a recusar o alimento.

Essas experiências despertam no bebê a ansiedade depressiva, isto é, o medo de ter perdido a boa mãe em consequência de seus impulsos agressivos e por consequência, sentimentos de culpa.

Acrescentamos ainda, que embora a criança esteja neste período na posição esquizo-paranóide, também pode experimentar sensações próprias da posição depressiva, etapa subsequente do seu desenvolvimento, que é intensificada pelo período de desmame. A perda do objeto amado pode confirmar as ansiedades da criança e suas fantasias.

Geralmente ocorre decréscimo do apetite quando o seio ou a mamadeira são retirados pela primeira vez o que indica que a ansiedade depressiva esteja relacionada com a perda do primeiro objeto, mas também a ansiedade persecutória contribui para o desagrado do novo alimento. No entanto, é a interação de uma série de fatores (internos e externos) que determinam o resultado final, ou seja, a superação da posição depressiva.

O seio que foi introjetado satisfatoriamente no estágio anterior e consequentemente o amor pela mãe, pode ser mantido apesar das privações. Também aqui, o comportamento e os sentimentos da mãe para com a criança são da máxima importância, pois uma atitude de carinho e atenção a ajudará a superar seus sentimentos depressivos e, consequentemente, aceitar o novo alimento.

A posição depressiva, é uma fase importante do desenvolvimento emocional normal e indica o modo como a criança enfrenta essas emoções e ansiedades, assim como as defesas que utiliza, no sentido do desenvolvimento estar progredindo satisfatoriamente ou não. Neste momento, suas experiências com a realidade externa aumentam sua confiança e o próprio contato com a mesma lhe permitem adquirir capacidade para lidar com o meio ou mesmo controlá-lo. O ego vai se fortalecendo com esse movimento, tornando-se o mais importante meio para superar ansiedades persecutórias e depressivas, pois a realidade vai se introduzindo em seu universo de fantasias, modificando-as ou atenuando características negativas.

4.7 A fala da mãe com o bebê

O bebê pode não responder quando a mãe fala com ele, mas expressa seus sentimentos por meio de símbolos como sorrisos, gestos e balbucios. Quando a mãe fala com o bebê durante o período em que ele está sendo cuidado por ela, ele transmite sua satisfação por meio destes símbolos. A mãe pode retroceder as formas de experiência infantil, mas para o bebê é impossível apresentar a sofisticação de um adulto. (WINNICOTT, 1988, p.84)

O “manhês”, um modo especial de fala que a mãe dirige ao bebê, possui características que lhe são próprias, tanto do ponto de vista de sua organização (dialógica), como de sua forma (léxica), de sua estrutura (sintática) e de sua prosódia. O “diálogo mãe-bebê”, construído, com o “manhês”, a partir de significados que a mãe atribui aos sinais produzidos pela criança, se faz com base na função materna. Por meio da transgressão e observação das leis da linguagem, podemos observar as operações de causação do sujeito: alienação (tempo da relação dual, com prevalência do “manhês”) e separação (tempo lógico posterior, com prevalência da língua do interdito).

A mãe fala ao bebê de uma forma bem especial. Aqui, como nos Estados Unidos, na Rússia, na Suécia e em muitas outras culturas, como revelam as várias pesquisas já realizadas (P. KUHL e outros, 1997). Esse modo particular que caracteriza a fala materna ganhou até um nome, que se tem propagado entre os vários pesquisadores do mundo inteiro: “motherese”. Nós, brasileiros, a chamamos, segundo a região a que pertencemos, de “manhês²”, “mamanhês” ou “maternalês”.

Para mostrar o que é o “manhês” e que efeitos esse tipo de fala materna pode produzir na criança, apresentamos um fragmento de um “diálogo” observado entre “Lu” e “Lê”, desenvolvido durante em um dos momentos da relação mãe-bebê - troca de roupa. A criança encontrava-se no colo da mãe, tendo a mãe à sua frente, tinha tomado banho, a mãe penteava seu cabelo, o que a deixara muito satisfeita. Mantendo a mesma posição, ela fala ao bebê da seguinte forma:

Mãe – A mamãe deu banho na princesinha né, agora ta cheirosinha.

Bebê – sorri e resmunga uma vez argui

² O “manhês” não é uma realização exclusiva da mãe: é uma produção da mãe e do bebê, uma “língua” particular dos dois.

Mãe – é isso mesmo, você tá cheirosinha.



Figura 6 Diálogo entre mãe-bebê

A análise desse “diálogo” mostra que as realizações linguísticas maternas (toda a fala produzida pela mãe) são formadas por um conjunto de elementos encontrados, regra geral, na fala que as mães dirigem aos seus filhos pequenos:

a) quanto à forma das palavras: nós temos a presença de diminutivos (menininho, mamãezinha), repetições (mamãe, sim, conte);

b) quanto à estrutura sintática das frases: aparecem sentenças pequenas e simplificadas (“tão lindo de mamãe\” “sim mamãe sim\” “diga prá mamãe\”);

c) quanto aos traços paralinguísticos: o timbre de voz é mais agudo, nota-se uma linha melódica traçada com curvas entonacionais ascendentes e descendentes bem marcadas, e pontos silábicos que se destacam pelo tom mais forte com que são regularmente produzidos (“lin” em “lindo”, “mãe” em “mamãe” e “zin” em “mamãezinha”).

Sabemos como o “manhês” opera como uma linguagem significativa para o bebê, na medida em que suscita reações de sua parte. Ora, são justamente os aspectos dinâmicos da fala materna (os traços prosódicos), e não apenas os aspectos estáticos (as palavras articuladas sem os elementos

prosódicos), que fazem o bebê preferir a voz materna em vez da voz de outra mulher.

Esse recorte é chamado de “diálogo” porque mostra uma organização dialógica, ou seja, as realizações maternas (frases construídas pela mãe) e as do bebê (vocalizações) são produzidas seqüencialmente, seguindo o modelo padrão conversacional, que tem como regra fundamental “fala um de cada vez” (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974). De acordo com essa lógica interlocutória, as conversações desenvolvem-se através da seqüência de turnos de fala (MARCUSCHI, 1986), ocupados sucessivamente por um e por outro participante do diálogo (como no fragmento recortado, no qual a mãe ocupa os turnos pares e o bebê os turnos ímpares). A alternância dos falantes cria uma interdependência entre os turnos, visto que a realização do turno seguinte exige a interpretação do turno anterior.

No caso do diálogo mãe-bebê, é a mãe quem faz esse trabalho interpretativo, de “tradução”, atribuindo às vocalizações do bebê uma significação. Os sinais do infans recebem da mãe um sentido, atribuído pela interpretação materna que, por sua própria realização, converte em mensagem aquilo que poderia não ser mais que uma mera reação orgânica.

Em que essa formação dialógica é fundamental para o bebê? Ela vai apontar para a função materna. Dirigindo-se ao bebê e construindo com ele (e para ele) uma seqüência de turnos de fala que tem a estrutura de um diálogo, a mãe exerce a função materna, porque, por meio de seu olhar e de sua voz, o bebê deixa de ser puro real, puro organismo, e é elevado à categoria simbólica, colocado que é na posição de “interlocutor”.

Desse modo, as manifestações do bebê são transformadas em “atos protoconversacionais” (Dore, 1979, Bruner, 1981 e Levinson, 1983), por compreenderem um conjunto de elementos produzidos em sincronia com a mãe: a atenção focalizada no mesmo tópico (no caso do “diálogo” referido o tópico é a “conversação” que se mantém entre mãe e bebê), o olhar dirigido à mãe (ao qual ela corresponde), o sorriso (recíproco), os movimentos articulatórios (que produzem a vocalização), a imitação dos movimentos labiais da mãe etc. E na medida em que as manifestações do bebê são convertidas em “protoconversas”, ele é elevado ao estatuto de “interlocutor” da mãe. É

nessa posição de “interlocutor” que ele tem algo a dizer-lhe, a responder-lhe, a revelar-lhe, o que aponta para a incompletude materna. Há algo que falta à mãe, há algo que ela não sabe: o bebê é significado como aquele a quem a mãe dirige a questão: “Que foi?” Ao mesmo tempo em que a mãe é “onipotente” para “saber” “o que quer um bebê?” (ele tem fome, sente frio, está molhado, demanda a sua presença), ela atribui ao seu bebê “saberes” que ela não partilha. Isso se verifica quando se observa a troca de lugares: ora a mãe é a mãe do bebê, ora ela é o bebê, a depender das identificações e projeções que se operam.

Esse trabalho de interpretação realizado pela mãe supõe que ela escuta significantes onde, a rigor, existiria apenas uma realização sonora não identificável como elemento lingüístico (segmental ou suprasegmental) pertencente à língua da comunidade dos pais da criança. É o que Winnicott chama a “loucura necessária das mães” (in: Laznik-Penot, 1997, p.21), loucura de por na boca do bebê respostas para a insatisfação de seu desejo. Ao mesmo tempo, é no “tesouro dos significantes do Outro materno” (Lacan) que essa tradução se faz: com obediência (parcial) às leis da linguagem (ao código, às regras fonológicas, morfossintáticas e semânticas, enfim, à estrutura da língua materna).

A transgressão materna operada ao nível da linguagem se observa, por exemplo, quando a mãe, cuidando de seu bebê, procura aproximá-lo do seio, ajudando-o a alcançar o seu mamilo para que tenha início a amamentação. Verificando os “esforços” do bebê, que abre a boca e se movimenta em direção ao seio, ela diz: “pon::tu³\” (produção modificada da palavra “pronto”). Ocorre aí um alongamento da primeira sílaba, a eliminação da consoante /r/ e uma entonação descendente que marca a produção com uma linha melódica, traços freqüentemente observados na fala “manhês” (FERREIRA, 1995). No entanto, apesar das alterações introduzidas, é possível reconhecer-se aí a língua materna dos pais da criança.

Para alguns psicolingüistas, essa maneira de falar - “parentese” - parece servir para chamar a atenção dos bebês, comunicar e despertar

³ Convenções: entonação descendente \ ; entonação ascendente / ; :: alongamento da sílaba, com ênfase na vogal; as sílabas sublinhadas indicam acentuação mais forte.

emoções. Kuhl e colaboradores (1997) afirmam que o “parentese” é uma ferramenta para demonstrar afetividade, mas a forma caricatural com que as vogais são pronunciadas ajudariam os bebês a distinguir os traços distintivos. De acordo com a classificação empreendida por Grenson (1954) e Fonagy (1983), existem os sons “adocicados”, ligados à sucção ou ao erotismo oral, como o /m/, e os sons duros, ligados às energias pulsionais agressivas, como as consoantes oclusivas surdas (explosivas). Essa poderia ser a razão da elisão do som /r/ da palavra “pronto”, transformada em “pon::tu” no “manhês”.

Em momentos em que a expectativa materna em relação às manifestações do bebê são contrariadas, a mãe pode abandonar o “manhês” e falar à criança de um modo natural, ocasião em que ela não imprime à sua voz e à sua fala os traços característicos do “motherese⁴”.

Os elementos da fala “manhês” são muito próximos dos elementos musicais. Por isso, conforme Castarède (1991) podemos dizer que o “motherese” é musical. Nas canções de ninar a melodia é simples e, como no “motherese”, os sons são repetitivos e rítmicos. Desse modo, o espaço sonoro distinguir-se-ia como o primeiro espaço psíquico, constituindo-se esta corporeidade sonora da linguagem como vetora de todo um prazer para a criança. Emitindo sons, a partir do balbucio, a criança estaria recriando alguma coisa a partir do que ouve da mãe, identificando-se com ela. Ocorre que as modificações (propriedades do “motherese”) revelam uma das faces da alienação. Uma outra face se verifica no nível do conteúdo, ou seja, quando significados são atribuídos pela mãe a sinais emitidos pelo bebê.

Assim, transgredindo e obedecendo as leis da linguagem, a fala materna aponta para os dois registros referidos: o registro da alienação que, de acordo com Lacan (1979), transforma o grito de necessidade do bebê em demanda do Outro, o que, num primeiro tempo (lógico) aliena a criança. É o registro próprio do “manhês” chamado por Hassoun, língua do materno (in LAZNIK-PENOT, 1997). E o registro da separação, próprio da língua materna, sustentada pela ordem simbólica, e, por isso, capaz de operar o corte necessário para fazer surgir o sujeito.

⁴ Língua materna é como os linguistas chamam a língua própria de um povo, ou, mais rigorosamente, de uma comunidade linguística. Sabemos que esse é um termo impróprio, uma vez que a língua não é da mãe, ela vem de fora, do outro (mais exatamente do Outro).

Na verdade, são esses dois registros, alienação e separação, que remetem às operações de causação do sujeito (Lacan, 1979), uma vez que, enquanto o “manhês” é próprio da relação dual, portadora do bem querer sem lei da mãe, a língua materna é aquela na qual a mãe é proibida à criança, é a língua do interdito (MELMAN, in LAZNIK-PENOT, 1997).

4.8O banho

Durante os primeiros meses de sua existência o bebê sobrevive no útero materno, envolto por água que oferece a sua proteção enquanto está sendo gerado. Por isso, a partir do nascimento, quando a mãe vai dar seu banho diário, deve medir a temperatura da água.

A mãe deve segurar a criança em seu braço, colocando-a aos poucos na água e tirando-a lentamente. Durante o banho a mãe estimula no bebê o desenvolvimento psicomotor do bebê.



Figura 7 A mãe-bebê durante o banho

4.9 Troca do bebê

Por meio da troca a mãe mantém o vínculo com o bebê, pois durante a troca ela pode estimular o corpo do bebê por meio de ginásticas, flexionando as pernas do bebê, flexionando os braços sobre o peito, levantá-los sobre a cabeça, então, neste momento a mãe estará estimulando o esquema corporal do bebê.



Figura 8 A mãe-bebê: trocas

Como vemos, os cuidados maternos adequados são indissociáveis do bebê e garantia de uma boa saúde mental é o que pudemos averiguar por meio das leituras realizadas, bem como da observação da mãe-bebê. Pra Winnicott (1982) um lactente isolado não existe: quando encontramos uma criança, encontramos cuidados maternos. Acrescenta, por outro lado, que o rosto da mãe é o primeiro e único verdadeiro espelho da criança.

A relação mãe-bebê está correlacionada com o processo de maturação da criança. As primeiras experiências intersubjetivas desenvolvem-se num banho de afetos (LEBOVICI, 1983).

A mãe comunica os seus afetos interpretando as necessidades e desejos do bebê. Para isto, ela utiliza as suas capacidades de empatia, que lhe permitem perceber os estados afetivos do bebê.

O que caracteriza a interação típica entre uma mãe e o seu bebê é a sua natureza cíclica, com a alternância de períodos durante os quais a criança fixa intensamente o rosto da mãe e períodos em que o evita, fechando os olhos ou desviando-os ligeiramente.

A mãe partilha com a criança pequena um pedaço do mundo à parte mantendo-o suficientemente limitado para que a criança não fique confusa e

aumentando-o muito progressivamente de forma a satisfazer a capacidade crescente da criança fruir do mundo.

A relação de objeto da criança com a mãe, objeto de Amor, define a afetividade relacional. Há ainda um enquadramento dessa afetividade num estado afetivo geral, que pode ser alegre ou triste, tranquilo ou ansioso, agitado ou instável.

A criança aprende a conhecer o ambiente e o seu conteúdo por meio da interação dinâmica com a mãe. No início vamos assistir a uma díade relacional e, posteriormente, com a introdução do pai, uma tríade relacional de afetos, cada um com a sua função na construção psico-emocional da criança.

Diríamos que a relação objetal com mãe será a plataforma psíquica na qual a criança constrói a sua identidade social. Se existirem bons alicerces, esta construção será harmoniosa e estável, se não for bem conseguida, a construção citada, a criança pode porventura apresentar alguns problemas psicológicos e muitas vezes problemas psicossomáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de Conclusão de Curso teve como perspectiva analisar se a relação mãe-bebê interfere na evolução do desenvolvimento psíquico infantil. Assim, foi possível analisar os primeiros momentos da vida do bebê, ou seja, a sua primeira infância, podendo analisar que a presença da mãe é elemento essencial para o desenvolvimento psíquico do bebê e para a formação do seu eu, de fato a primeira díade do bebê ocorre entre ele e a mãe. O primeiro vínculo ocorre quando o bebê ainda está no útero da mãe. Logo após o nascimento ocorre o momento mais esperado, pois, a mãe e o bebê mantém o primeiro contato físico e real.

Para a existência de um bebê é necessário a presença da mãe, pois ela é parte fundamental de todo seu processo de maturação, a primeira relação do bebê é a mantida pela mãe. Essas relações ocorrem durante o período de amamentação do bebê, durante o banho, troca, brincadeiras.

Durante o período em que ocorre a relação maternal, a mãe faz parte do bebê, ela se coloca no lugar do bebê para atender suas necessidades, por meio de gestos e olhares o bebê se comunica com a mãe, pois o bebê é imaturo e totalmente dependente dela, durante o período em que está sendo cuidado, o bebê passa a armazenar as experiências mantidas com a mãe, sem a presença dela ele se torna incapaz de sobreviver, desta forma a mãe passa a exercer a maternagem que pode se diferenciar entre uma “boa” ou “má” maternagem.

Como pudemos constatar, o poderio materno se manifesta precocemente na vida do sujeito em constituição, acarretando-lhe efeitos decisivos em sua estruturação psíquica que vai desde a ascensão do sujeito à estagnação como objeto de gozo materno. Tamanha é a sua importância, que tais efeitos sobre o sujeito não se restringem ao desenrolar de sua constituição, eternizando-se como marcas profundas no seu inconsciente, as quais carregam inelutavelmente em seus fantasmas.

Se por um lado é a mãe pólo das primeiras efervescências sensuais, figura que cativa a nostalgia do ser falante, símbolo do amor, por outro, é para o sujeito uma imagem de suas primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura. Invariavelmente, ressurgem os ‘ecos de mãe’ nos discursos dos sujeitos, nas suas relações transferenciais e em meio a seus atos, manifestações as quais temos que estar atentos em nossa prática analítica.

A nocividade materna manifesta-se, conforme verificamos, a partir de dois pólos - a possessividade e o abandono - ambos possuindo em comum a posição de objeto de gozo e não de objeto de desejo em que é situada a criança. A excessiva ocupação com o filho faz dele o seu refém fálico. Neste caso, o que falha é uma suspensão de mãe, caracterizada pela falta da falta, impedindo assim, o nascimento do desejo e da alteridade. De um modo contrário, a ausência de ocupação deixa a criança sem recursos diante de seu poder de silêncio, não de fala, mas um silêncio de investimento subjetivo. Esta insuficiência não se refere propriamente ao abandono da criança no nível da realidade corporal, pois como vimos, pode coadunar-se na presença física da mãe, mas recai sobre a posse do corpo como real.

Para que a criança saia da condição de objeto real no fantasma materno constituindo-se como objeto de desejo, é necessário que insurja o desejo da mãe, ou melhor, o desejo da mulher na mãe, o qual é capaz de limitar a paixão materna na medida em que a torna não-toda mãe, ou seja, não-toda para o filho. Ao vislumbrar outros investimentos libidinais, pode a mãe, aos poucos, desinvestir a criança, o que não deve ser confundido com abandono ou ausência de olhar, mas com um deslocamento de olhar para ela e para o que representa.

Muitas vezes a mãe não possui a capacidade de oferecer uma boa maternagem, e o vínculo entre ela e o bebê acaba por fracassar, esse fracasso ocorre muitas vezes por distúrbios psicológicos na mãe, como depressão pós-parto, falta de um parceiro para compartilhar o cuidado com o bebê, quando a mãe se encontra nesse estágio ela não consegue ofertar carinho e amor para o seu bebê, evitando ter contato com ele, pois se sente incapaz de manter-se o cuidado com o filho e até mesmo de exercer a maternagem.

De fato, quando ocorre o fracasso no cuidado com o bebê não só a mãe é parte integrante deste processo, mas todos os familiares estão envolvidos quando este ocorre no cuidado de uma criança, pois por um motivo ou por outro, pai ou mãe podem falhar no cuidado com o bebê, privando-o assim do direito de ser cuidado.

Segundo Bowlby (2006), em seu livro Cuidados Maternos e Saúde Mental, são os seguintes contextos que influenciam as causas do fracasso do grupo familiar natural em cuidar de uma criança:

1. Grupo familiar natural não estabelecido: ilegitimidade.
2. Grupo familiar natural intacto, mas sem funcionar eficazmente: condições econômicas que levam ao desemprego do arrimo da família, resultando em situação de miséria. Doença crônica ou incapacidade de um dos pais. Instabilidade ou desequilíbrio mental de um dos pais.
3. Grupo familiar natural dissolvido e, portanto, não funcionando: Calamidade social: guerra, fome. Morte de um dos pais. Enfermidade de um dos pais, com necessidade de hospitalização. Prisão de um dos pais. Abandono por um ou ambos os pais. Separação ou divórcio. Pai trabalhando em outra localidade. Mãe trabalhando em horário integral (p.79).

Esse contexto familiar fracassado traz para a vida da criança certos transtornos dificultando o seu processo de desenvolvimento, privando-o até

mesmo da sua vida social, pois muitas vezes não se encaixam no contexto social em que a sociedade se encontra no momento de fracasso familiar, não encontrando apoio para que sua realidade possa se alterar.

Uma criança que não vive com o pai, quando questiona sobre o pai a mãe lhe diz que ele não tem pai, então de onde ele veio? Pois, para nascer todas as crianças devem ter um pai e uma mãe. Essas dúvidas vão afetando o eu da criança, por não saber quais as suas origens. Desta forma, a criança se sente desigual ao outro, pois existem falhas em seu contexto familiar, o que a torna diferente as outras famílias, prejudicando o psíquico da criança, esta leva consigo marcas da desestrutura familiar.

É possível também ocorrer durante a vida do bebê, períodos em que não recebe carinho e atenção por parte dos pais, estes devido ao excesso de trabalho de ambos e falta de tempo para se dedicar ao bebê, fracassando desta forma a relação entre ambos, pois devido ao cansaço e estresse do dia a dia não conseguem se dedicar ao seu bebê, deixando de promover relações de vínculo entre pais e bebê.

A mãe neste processo é a que mais faz falta para o bebê, pois é ela que estabelece o vínculo entre eles, e com ela que o bebê mantém o maior tempo de relação, e sem ela o bebê não consegue realizar as suas necessidades.

Foi possível, então, compreender com este trabalho que por meio da relação com a mãe, o bebê passa a reconhecer o mundo em que está inserido, permitindo assim que a criança integre-se ao mundo exterior. Verificamos, também, que essa relação entre mãe e bebê pode fracassar prejudicando assim o desenvolvimento da criança e a sua inserção na sociedade. Quando a mãe exerce uma boa maternagem, obtendo sucesso com o cuidado do seu bebê, este tem mais facilidade de se adaptar ao mundo exterior, desenvolvendo-se mais rápido, o bebê bem cuidado pela sua mãe obterá melhores resultados em seu futuro.

Portanto, a relação mãe-bebê é fundamental para manter a qualidade de vida do bebê e o seu desenvolvimento psíquico, pois esta relação é o alicerce do bebê, e tudo o que ocorre nesta relação afeta a vida dele, influenciando no desenvolvimento da sua personalidade. Assim, a mãe “suficientemente boa” estará influenciando o processo de desenvolvimento

adequado para o bebê, pois estará ofertando-lhe um ambiente facilitador, o bebê então, encontra na mãe a base para se adaptar no mundo exterior, levando ao seu futuro boas experiências e recordações.

REFERÊNCIAS

ANDRIATTE, A. M. e cols. (1994). Manifestações transferenciais e contratransferenciais na tríade mãe- observador-bebê. In: Revista Mudanças, psicoterapia e estudos psicossociais, São Bernardo do Campo, Centro de Pós Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior. V.2,n 2, p 77-85.

BATISTA PINTO, E., Vilanova, L.C.P. & Vieira, R.M. O Desenvolvimento do Comportamento da Criança no primeiro ano de vida: padronização de uma

escala para a avaliação e o acompanhamento. São Paulo : FAPESP/Casa do Psicólogo, 1997.

BENHAIM, Michele. Amor e ódio: a ambivalência da mãe. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

BOWLBY, J. Apego e perda: perda, tristeza e depressão,v.3. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

BOWLBY, J. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

DOLTO, Françoise. No jogo do desejo. Ensaio Clínicos. São Paulo Editora Ática, 1996.

_____. (1905) Três Ensaio Sobre Sexualidade. Vol. VII. Ed. Standart brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

GESELL, A. A Criança de 0 a 5 Anos. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, S.M.O. Interação mãe-bebê: os primeiros passos. Dissertação de Mestrado, UFPE, 1990.

ISAACS, S. Natureza e Função da Fantasia . In Progressos da Psicanálise, 2a. ed. . Rio de Janeiro. Zahar-editores 1982.

JERUSALINSKY, J. Enquanto o futuro não vem. Salvador, BA: Ágalma, 2002.

KLEIN, M. Algumas Conclusões Teóricas Relativas à Vida Emocional do bebê. In: Inveja e Gratidão e outros trabalhos vol. III . coord. Elias M. da Rocha Barros.Rio de Janeiro. Imago, 1991.

_____. Sobre a observação do comportamento de bebês.In Inveja e Gratidão e outros trabalhos, vol.III. coord. Elias M. da Rocha Barros. Rio de Janeiro. Imago, 1991.

_____. Inveja e Gratidão. In Inveja e Gratidão e outros trabalhos, vol.III. coord. Elias, M. da Rocha Barros. Rio de Janeiro. I mago, 1991.

KNOBLOCK, H. & PASSAMANICK, B. Gesell e Amatruda: Psicologia do Desenvolvimento do Lactente e Criança Pequena - Bases Neuropsicológicas e Controversas. São Paulo: Atheneu, 2000.

KUPFER, M. C. M. (2000). Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. Psicologia USP, 11(1). Recuperado em 23 jun. 2005, da SciELO (Scientific Electronic Library OnLine): <http://www.scielo.br>

LACAN, Jacques. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu in Escritos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

_____. (1963) Os Nomes do Pai. Porto Alegre: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

_____. (1956- 1957). Seminário 4 – A Relação de Objeto. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995.

_____. (1964). Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAZNIK-PENOT, M-C. Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística? Em Wanderley, D. Palavras em Torno do Berço. Salvador: Ágalma, 1997.

LAZNIK-PENOT, M.C. Rumo à Palavra. Escuta, São Paulo, 1997.

LAZNIK. M. C. Introdução. In M. C. Laznik, A voz da sereia: O autismo e os impasses na constituição do sujeito (pp.13-17). Salvador, BA: Ágalma, 2004.

_____. Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística? In M. C. Laznik, A voz da sereia: O autismo e os impasses na constituição do sujeito (pp. 21- 35). Salvador, BA: Ágalma, 2004.

_____. Os efeitos da palavra sobre o olhar dos pais, fundador do corpo da criança. In M. C. Laznik, A voz da sereia: O autismo e os impasses na constituição do sujeito (pp. 36-48). Salvador, BA: Ágalma, 2004.

_____. Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional. Quando a alienação faz falta. In M. C. Laznik, A voz da sereia: O autismo e os impasses na constituição do sujeito (pp. 49-68). Salvador, BA: Ágalma, 2004.

_____. Risco de autismo em bebês. In M. C. Laznik, A voz da sereia: O autismo e os impasses da constituição do sujeito (pp.178-184). Salvador, BA: Ágalma.

Lucinda, E. (1994). Chupetas punhetas guitarras. In O semelhante (pp.126-128). São Paulo: Massao Ohno, 2004.

LEVINSON, S.C. “Pragmatics”. Cambridge Univ. Press, Cambridge, 1983.

MARCOS, Cristina. Figuras da maternidade em Clarice Lispector ou a maternidade para além do falo. *Ágora* (Rio J.) [online]. 2007, vol.10, n.1, pp. 35-4.

MARCUSCHI, L.A. Análise da Conversação. Ática, São Paulo, 1986.

SOLER, Colette. O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZALCBERG, Malvine. Amor paixão feminina. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RAPPAPORT, Clara Regina; et al. A infância inicial: o bebê e sua mãe. V.2. São Paulo, 1981.